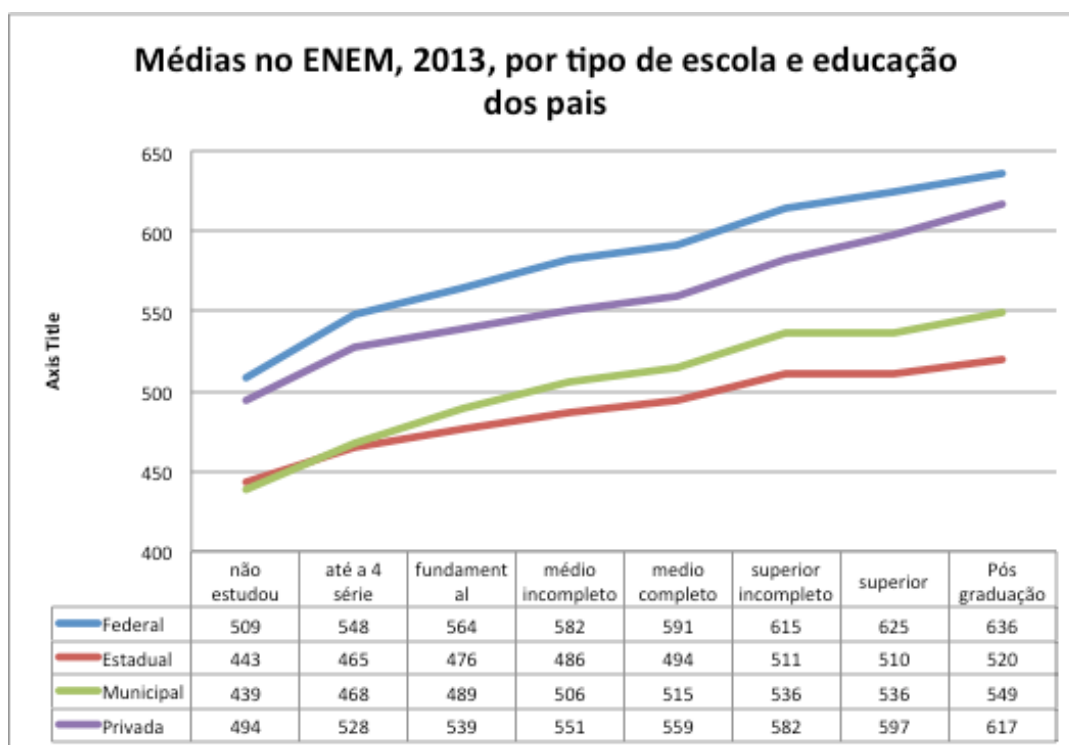
O impasse do Ensino médio e o Funil do ENEM

Simon Schwartzman

(Versão ampliada de artigo publicado no *O Estado de São Paulo*, 17 de outubro de 2015)

Mais uma vez, o país se mobiliza para a grande maratona do ENEM – quase 8 milhões de inscritos, disputando cerca de 250 mil vagas nas universidades federais, uma para cada 32 candidatos. Quase todas as vagas serão preenchidas por filhos de famílias mais educadas que cursaram boas escolas privadas ou as poucas escolas públicas federais e de tempo integral. É um jogo de cartas marcadas, como se pode ver pelo Quadro 1, que dá a relação entre o desempenho dos candidatos no ENEM e o nível educacional do pai, que se correlaciona fortemente com o nível de renda, para cada tipo de curso médio.

	não estudou	até a 4 série	fundamental	médio incompleto	medio completo	superior incompleto	superior	Pós graduação
Federal	509	548	564	582	591	615	625	636
Estadual	443	465	476	486	494	511	510	520
Municipal	439	468	489	506	515	536	536	549
Privada	494	528	539	551	559	582	597	617

Quadro 1. Fonte: Microdados do ENEM, 2013/

As notas de corte tendem a ser de 700 pontos ou mais para cursos como administração e ciências sociais, e mais de 800 para cursos de direito, medicina e engenharia. Em 2013, somente 162 mil candidatos obtiveram mais de 650 pontos, metade dos quais com pais com curso superior completo ou pós-graduação. Dos 1.083 mil que fizeram escola pública, somente 42 mil, menos de 4%, conseguiram esta pontuação.

Na prática, nem todos os que fazem o ENEM participam do sistema de seleção unificada para o ensino superior, o SISU. Muitos fazem o ENEM como treinamento, antes de completarem o ensino médio, outros para se beneficiar do PROUNI no ensino privado, e outros ainda para obterem um certificado de nível médio, que requer 450 pontos nas provas objetivas e nota superior a zero na prova de redação. O mesmo critério vale para poder se inscrever no SISU. No ENEM de 2013, o último para o qual existem dados detalhados disponíveis, haviam 7.173 mil candidatos, dos quais somente 3.222 tinham ou estavam concluindo o ensino médio e atingiam o mínimo de notas para participar do SISU.

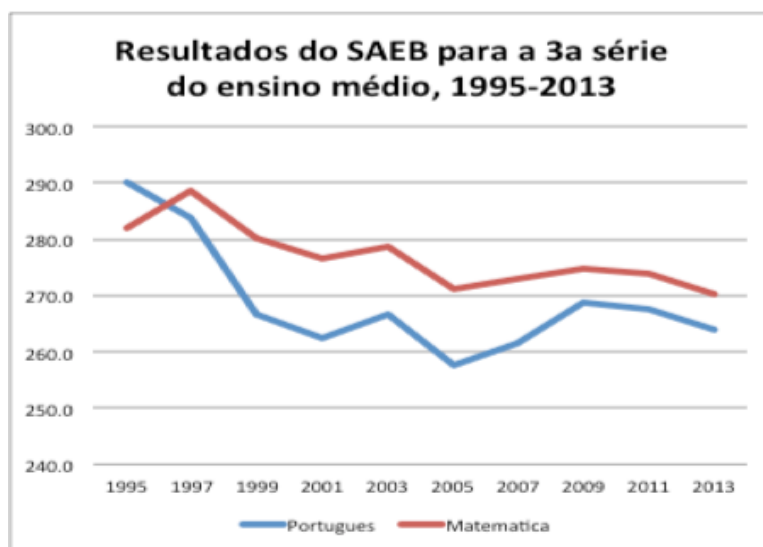
O ENEM, ao exigir conhecimentos detalhados de linguagens, ciências da natureza, humanas, matemática e redação, coloca uma camisa de força em todo o ensino médio, com graves prejuízos tanto para os que vão para o ensino superior privado ou estadual, e não dependem do ENEM, quanto para os que nunca entrarão em uma universidade. Em 2013, haviam cerca de 5 milhões de vagas para o ensino superior, das quais 4.5 milhões no setor privado, e somente 321 mil nas federais, conforme os dados do Censo do Ensino Superior (Quadro 2). Em 2015, dos 22 milhões de jovens entre 18 e 24 anos de idade, 15 milhões já não estavam estudando, e, destes, cerca da metade não havia concluído o ensino médio, pelos dados da PNAD contínua (Quadro 3)

Vagas Oferecidas (2013)				
	Total	Bacha relado	Licen ciatura	Tecnó logo
Total	5,068,142	2,647,448	990,512	1,415,300
Pública	577,974	313,293	186,820	63,852
Federal	321,398	190,119	95,561	26,362
Estadual	164,098	63,557	69,264	26,624
Municipal	92,478	59,617	21,995	10,866
Privada	4,490,168	2,334,155	803,692	1,351,448

Quadro 2. Fonte: INEP, Sinopse do Ensino Superior

Estudo mais elevado de jovens de 18 a 24 anos de idade				
	Concluiu o curso que frequentou?			
Curso mais elevado que frequentou	Sim	Não	Sem informaç	Total
Classe de alfabetização - CA	4,089	9,214	0	13,303
Alfabetização de jovens e adultos	2,080	3,074	0	5,154
Regular do ensino fundamental ou do 1º grau	1,392,132	2,538,214	77,300	4,007,646
Educação de jovens e adultos (EJA) ou supletivo do ensino fundamental	30,328	63,189	2,739	96,256
Regular do ensino médio ou do 2º grau	7,642,645	1,632,389	260,690	9,535,724
Educação de jovens e adultos (EJA) ou supletivo do ensino médio	77,839	29,469	6,522	113,830
Superior - graduação	786,005	292,560	83,566	1,162,131
Mestrado	4,482	278	0	4,760
Sem infomação	0	0	7,231,829	7,231,829
Total	9,939,600	4,568,387	7,662,646	22,170,633
Fonte: PNAD Continua 2/2015				

Quadro 3

Não haveria problema se, para os que nunca entrarão em uma universidade federal, o ensino médio, pautado pelo ENEM, estivesse contribuindo para melhorar a formação dos estudantes. Mas não é o que ocorre. A qualidade do ensino médio brasileiro é muito ruim (Quadro 4) e não tem melhorado, apesar de custar hoje três vezes mais do que custava, por estudante, dez anos atrás – o que fizeram com o dinheiro? (Quadro 5). que fizeram com o dinheiro?). Existem muitas razões para isto, a começar pela má formação que os alunos trazem da educação fundamental. Mas o problema é agravado pelo currículo pesado, com cerca de 15 matérias obrigatórias, todas dadas superficialmente, sobre as quais a grande maioria dos alunos não se interessa e nem consegue acompanhar. Muitos abandonam antes de terminar, outros terminam sem aprender nada, e mesmo os poucos que conseguem uma vaga em uma universidade federal esquecem rapidamente quase tudo que aprenderam.

Quadro 4. Fonte: Todos pela Educação

Quadro 5. Fonte: INEP.

É preciso mudar isto. No ensino médio, em todo o mundo, aos 15 anos de idade, os jovens se orientam para as áreas de estudo a que vão se dedicar, conforme seu interesse e desempenho. A maioria se prepara para a vida profissional, e só uma minoria vai para os cursos universitários tradicionais. Assim deveria ser no Brasil. Ao invés de ter aulas sobre tudo e não aprender quase nada, como hoje, deveria haver um núcleo comum de formação geral, com ênfase no uso da língua e do raciocínio matemático, que não ocupe mais do que metade das 2.400 horas requeridas ao longo de três anos, com a outra metade dedicada a uma área eletiva de formação e aprofundamento (ciências físicas, biológicas, ciências sociais, humanidades), que prepara para estudos mais avançados, ou uma área de formação técnica e profissional, que dê uma qualificação para o mercado de trabalho, e dê acesso também um curso superior especializado. O ensino médio deve ser uma etapa de formação e qualificação, geral e profissional, e não um longo cursinho de preparação para uma universidade na qual poucos entrarão.

O ENEM, no seu formato atual, tenta servir de padrão de qualidade para o ensino médio e funcionar como um grande vestibular unificado para as universidades, além de selecionar bolsas para o PROUNI, e não consegue fazer bem nenhuma destas coisas. Ele precisa ser modificado, com ênfase na primeira função, e tomando em conta a necessidade de diversificar o ensino médio. Ao invés de uma prova única, deveria haver uma avaliação de competências gerais de uso de linguagem e raciocínio

matemático para todos, e avaliações diferentes, opcionais, para as diferentes áreas de formação e aprofundamento. Para o ensino técnico de nível médio, é necessário desenvolver um sistema de certificações para as diversas áreas profissionais de formação. Ao invés de uma maratona nacional como hoje, os exames poderiam ser dados em diferentes momentos e locais, fazendo uso de técnicas computadorizadas como as adotadas pelo Scholastic Aptidude Test (SAT) e provas semelhantes nos Estados Unidos.

A transformação do ENEM em um exame vestibular unificado era que ele tornaria o acesso ao ensino superior mais democrático, e de fato o sistema permite que estudantes de qualquer cidade possam se candidatar a uma vaga em qualquer universidade federal do país. Mas, ao criar um grande funil, criou uma situação mais elitista do que antes: as instituições regionais perdem vagas para alunos vindo de regiões mais ricas, as notas de corte são cada vez mais altas, e as universidades perdem a possibilidade de selecionar alunos que sejam mais adequados a seus projetos pedagógicos e profissionais. A separação entre alunos cotistas e não cotistas não ajuda, porque o funil se repete dentro de cada grupo. No SISU de 2015, baseado no ENEM de 2014, o total de inscrições foi de 2.791 mil, das quais 51,9% pela ampla concorrência, 42,7% pela lei de cotas, e ainda 5,4% para ações afirmativas. A relação candidato por vaga pela lei de cotas foi maior que na ampla concorrência (27,99 contra 25,66)[1].

A pontuação das notas do ENEM, em centésimos, é um artifício que só serve para classificar os alunos para as universidades, e não tem interpretação no mundo real. Se um candidato tiver 520 e outro 540 pontos, o segundo será selecionado no lugar do primeiro, mas não se pode afirmar que ele tenha de fato melhor qualificação do que o outro. O correto seria fazer uso de conceitos amplos, como de A a D, ou de excelente a insuficiente. Os alunos poderiam usar os conceitos em seus currículos, e as universidades poderiam requerer níveis mínimos de desempenho em áreas específicas para selecionar seus alunos, em combinação com critérios próprios.

Não será fácil passar do atual sistema para um outro como sugerido aqui. A Base Nacional Comum Curricular, que hoje está sendo discutida, precisa se adequar a um ensino médio diversificado. As escolas precisarão se adaptar, haverá necessidade de

---

[1] http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/mec-divulga-aprovados-no-sisu-2015.html acessado em 10/10/2015/

realocar professores e formá-los para novas práticas; e há muitíssimo que aprender para criar um sistema amplo de educação técnica e profissional de nível médio com as respectivas certificações profissionais. Mas é necessário começar, lembrando que, considerando a péssima situação em que nos encontramos, não há nada a perder.